



Música de alma e tradição

Esteve entre nós aquando do 4.º Festival Intercéltico, integrando o grupo italiano Baraban, e define a sua música como forma de interpretar a tradição de um modo crítico e pessoal. É Paolo Ronzio, um dos mais destacados polístrumentistas da «folk» milanesa.

José Manuel Simões

NO final do festival, o músico italiano aproveitou para agradecer publicamente à fantástica organização e mostrou-se surpreendido com o calor humano do público portuense. «Foi de tal maneira cativante, que o nosso maior desejo é voltarmos para o ano». E explica as suas razões.

«Felizmente, e graças à excelente organização deste festival, nós tivemos a oportunidade de assistir aos três dias de espectáculo. Em cada dia o público foi consideravelmente diferente, mas o acolhimento que todas as bandas tiveram foi basicamente o mesmo. Resumindo, eu diria que o que me surpreendeu mais foi a harmonia entre os grupos e o(s) público(s). E repare que as origens dos grupos eram todas diferentes. A língua, para nosso espanto, não constituía nenhuma barreira entre nós e este maravilhoso público. Foi bonito ver todo o Rivoli a vibrar com as nossas músicas.

«Este festival teve grupos tão distintos como os Barzaz, da

Bretanha, os Battlefield Band, da Escócia, a Uxia, da Galiza, os Sétima Legião, de Portugal, os Chieftains, da Irlanda e vocês. Todos têm um tronco comum, que é a música celta, mas apresentam aproximações mais ou menos evidentes à música popular dos países de origem. Para quem vão as vossas preferências?

«O festival fechou com chave de ouro. Os Chieftains são, apesar dos seus 30 anos de existência, cada vez mais surpreendentes. A energia deles parece estar sempre a renovar-se, o entusiasmo a crescer. A liberdade de movimentos dos seus músicos é verdadeiramente fantástica, sobretudo se atendermos ao facto de nunca destoarem no ambiente geral. Foi sublime». E os outros?

«Gostei também da Uxia e do misticismo dos Barzaz».

Misticismo?... «Misticismo sim. A voz de Yann Fanch Kremener, que vai sair do grupo, tem uma sonoridade mística. Talvez seja da musicalidade da língua bretã».

E os Sétima Legião?

«Foram uma agradável surpresa. Fiquei impressionado com a capacidade de improviso de alguns elementos. O baixista fez quase todo o espectáculo com

duas cordas partidas. Foi notável!

«Acredito que ainda tiveram tempo para visitar o Porto. O que é que acharam da cidade?»

Mas nem só de música vivem os músicos. Apesar da preocupação com os espectáculos, Paolo Ronzio não deixou de ver o Porto/cidade.

«A paisagem arquitectónica das zonas ribeirinhas é muito bonita, mas sinceramente, o que mais me surpreendeu no Porto foi a pobreza. Milho, a cidade onde morei, apesar de ser das mais ricas de Itália também tem muita pobreza, só que as entidades competentes preocupam-se em esconder essa realidade. Assim, para quem visita a cidade ela não é tão evidente. No Porto, a pobreza choca. São adolescentes, velhos e deficientes a pedirem esmola. Na minha óptica, tudo isto são consequências das injustiças sociais e também do desemprego. A nossa música, apesar das recolhas realizadas no tempo, é música dos nossos dias, feita por pessoas que vivem e trabalham na nossa região. Por isso, preocupamo-nos com esses valores sociais da actualidade».

Paolo Ronzio definiu, então,

a música dos Baraban e o seu método de trabalho:

«A nossa música é uma forma de interpretar a tradição de um modo crítico e pessoal. Somos músicos que passamos 6 meses por ano a fazer o que chamamos de trabalho de campo, ou seja, na recolha das tradições musicais da região da Lombardia. Foi assim que conseguimos recuperar cantos satíricos, cantos de trabalho e cantigas de jogaais que deram origem às nossas gravações».

Mas nota-se também que algumas das vossas músicas são antimilitares e de protesto.

«É verdade. Um dos nossos temas, Montenero, com texto escrito por um soldado durante a conquista de Krn em 1915 e melodia de um canto de prisão, foi proibido durante o domínio fascista. E Fuoco e Mitragliatrici é um canto de protesto relacionado com a I Guerra Mundial e que foi recolhido numa localidade de nome Romagnas».

«A vossa actividade de recolha limitou-se ao registo de cantos e de músicas?»

«Recolhemos também testemunhos sobre a vida quotidiana, romarias, arraiais, rituais, enfim, memórias que nos aproximaram à realidade do mundo popular. Para tal, em 1985 criá-

mos a Associazione Culturale Barabán onde, para além de guardarmos as nossas recolhas, também organizámos festivais, seminários e conferências sobre a música tradicional do Norte de Itália».

A instrumentação que vocês utilizam dá um grande destaque aos instrumentos tradicionais da vossa região.

Sim, entre outros. Utilizamos o «organetto diatonico», o pífaro, a musa, o acordeão, as flautas, a ocarina, o violino, a guitarra, a sanfona, o bandolim, o clarinete, o sax e o «uilleann pipes». Para além destes, também utilizamos instrumentos tradicionais do Japão: os teclados e a programação de computadores (risos)».

Apesar de viverem 6 meses por ano para o trabalho de campo, ainda vos sobra tempo para serem um dos grupos mais solicitados para festivais italianos e europeus.

«Temos feito espectáculos especialmente em Itália, França, Grã-Bretanha, Áustria e Suíça. Mas não só na Europa; já participámos em festivais no Canadá e até na Rússia. Em Portugal, foi a primeira vez, mas gostámos tanto que esperamos poder voltar».